

MATERIAL DIDÁTICO PRODUZIDO NO ÂMBITO DA TRADUÇÃO DO LIVRO:

“LA CIUDAD NO ES UNA HOJA EM BLANCO : HECHOS DEL URBANISMO”

Josep Parcerisa e Maria Rubert de Ventós (publicado originalmente pela ediciones ARQ, Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Chile, 2000).

EXCERTOS DE TEXTOS SELECIONADOS

REALISMO CÍVICO

Peter Rowe

Pierre Lavedan

ESPAÇO TRIPLAMENTE UTILIZÁVEL. PIAZZA NAVONA, ROMA

Lewis Mumford

OS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS EM BARCELONA

Peter Rowe

PRAÇAS MARGINAIS

Francesco Venezia

ESPAÇOS PÚBLICOS E ESPAÇOS COLETIVOS

Manuel de Solà-Morales

A PLACE DES VOSGES. PLACE ROYALE, REBATIZADA PLACE DES VOSGES DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Anthony E. J. Morris

A PRAÇA

Romaldo Giurgola

AS SQUARES LONDRINAS

Paolo Sica

BREVE ESBOÇO DO CORAÇÃO

EXTRATO DAS CONCLUSÕES DO VIII
CONGRESSO DO CIAM

O CASO DE BRASÍLIA

G. Luigi

O CORAÇÃO: PROBLEMA HUMANO DAS CIDADES

E. N. Rogers

PLATEAU BEAUBOURG EM PARIS (1971-1977)

Paolo Favole

RELAÇÕES ENTRE HOMENS E COISAS

Jacob B. Bakema

PRAÇAS DE BARCELONA

Oriol Bohigas

EVOLUÇÃO. CONSTITUIÇÃO DOS TIPOS DE PRAÇAS

REALISMO CÍVICO

Peter Rowe

(...) Uma boa maneira de começar a examinar os aspetos tanto sociais como físicos dos espaços cívicos concretizáveis, é mediante um exemplo incontestável que tenha vigência contemporânea e que tenha resistido à passagem do tempo. Indiscutivelmente, entre outros, os prováveis candidatos, Siena e a sua Piazza del Campo, destacam-se como um lugar onde a vida, as aspirações e as responsabilidades cívicas se expressaram de modo indelével.

(...) A Piazza del Campo – ou, simplesmente, “Il Campo”- como cena primária para a vida social política e cultural de Siena, refletia e continua a refletir estas relações, assim como algumas das alianças mutáveis. Toda a composição, definição espacial, decoração e uso do Campo foi uma realização que envolveu tanto o governo, como a sociedade civil. Assim capturava expressivamente a vida, os tempos e as circunstâncias civis de Siena, lembrando aos Sieneses - algum tipo de recordatório é necessário - de onde provém e o que se espera deles. No que diz respeito a este último aspeto, o Campo era mais do que público, mais do que um problema de acesso ou de correta expressão e exibição. Produzia uma aura, recordava admiráveis monumentos do passado e oferecia uma orientação palpável sobre que forma de comportamento público era, não apenas aceitável, mas sim preferido. Em resumo era cívica.

(...) O que também está claro no caso de Siena e na Piazza do Campo é a direção em que a vida cívica e as expectativas se baseavam e continuam a representar-se. De novo, o desenho do espaço aberto, da arquitetura dos edifícios, das soluções de escoamento utilizado, e da ornamentação em geral, eram e são claramente compreensíveis, sem parecer nostálgicos, triviais ou excessivamente pitorescos. O Campo era e é, numa palavra, real. Teve e continua a ter um realismo que acompanha a vivência diária, os eventos ocasionais, as ocasiões solenes e as celebrações extraordinárias. No entanto, como muitas grandes obras cívicas, o realismo também se estende aos significados expressivos. Neste aspeto o Campo permanece, arquitetonicamente, de alguma maneira contido ou autónomo. Pode ser extraordinariamente belo, com um manuscrito iluminado do primeiro período, mas também requer contemplação, conhecimento e um sentido da forma arquitetónica para ser interpretado seriamente. O “realismo” é, pois, num sentido, passado e representacional; e vivo, literal e constitutivo por outro. Certamente, em termos estritamente arquitetónicos, estende-se para além da habitual etiqueta estilística do

realismo; frequentemente ligada, atualmente, a interesses corporativos, tal como o “realismo socialista”, o “fotorrealismo” o “neorrealismo”. Para além disso, a aparência da Piazza do Campo comporta muitas contribuições e não reflete apenas aspetos ideológicos dos setores público e privado, mas expressa também, fundamentalmente, um espaço comum entre o governo e a sociedade civil, incluindo algumas tensões e contradições inerentes (...).

Texto original: Rowe, Peter. *Civic Realism*, MIT Press, Cambridge, 1997 (trad. autores)

ESPAÇO TRIPLAMENTE UTILIZÁVEL. PIAZZA NAVONA, ROMA

Lewis Mumford

(...) A Piazza Navona ganhou a sua forma a partir de um antigo hipódromo Romano e a sua abertura permitiu a sobrevivência da ruína e evitou o desaparecimento da estrutura original. A igreja e as fontes de Bernini conferiram-lhe vida do ponto de vista estético, mas essa vida continuou a ser muito variada, já que é utilizada para os namorados passearem, é utilizada como mercado, como campo de jogos para as crianças do bairro e, nos passeios de ambos os lados da praça, instalaram-se restaurantes, onde três gerações de famílias inteiras podem jantar, conversar e beber. Hoje tornámos as funções simples da vida tão especializadas que nenhum urbanista se atreveria a sugerir a instalação de um campo de jogos num espaço tão sobrecarregado por outras instalações, nem deixaria de diferenciar espacialmente combinações e funções imprevistas. Mas esta sobreposição de atividades humanas, que servem para diversos propósitos, é característica da cidade clássica e continua a ser uma das suas maiores contribuições, entre outras razões pela sua economia espacial. À falta deste espaço humanizado adaptável os urbanistas refugiam-se agora em extravagâncias absurdas.

(...) Como nota estética final, observe-se que o obelisco situado no extremo mais distante da Piazza Navona corresponde a uma torre a meio caminho, demonstrando que o olho barroco ainda sentia a necessidade de subtis marcações verticais, próprios da idade média (...).

Mumford, Lewis. *La ciudad en la historia, suas orígenes, transformaciones y perspectivas*. Ed. Infinito, Barcelona, 1966; pág. 432.



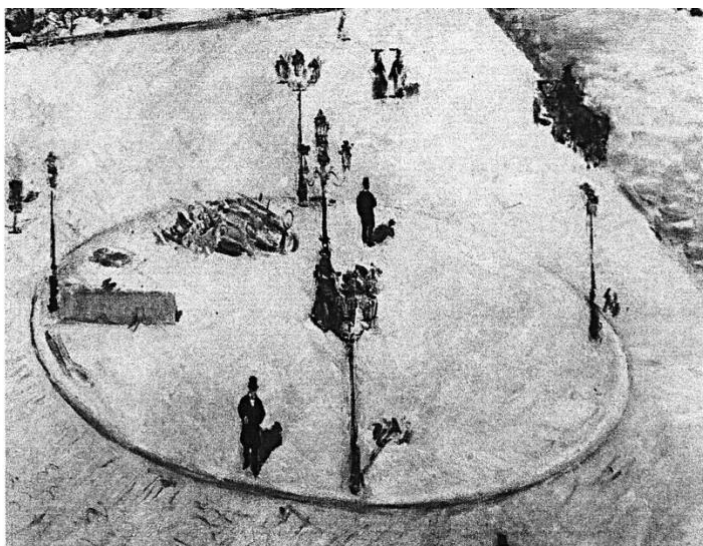
50. Entre el Tiber y la Piazza Navona en Roma.
Fragmento del plano de Giambattista Nolli, 1748

Fig 50. Entre o Tibre e a Piazza Navona em Roma. Fragmento da planta de Giambattista Nolli 1748

PRAÇAS MARGINAIS

Francesco Venezia

(...) Praças abertas sobre o campo, sobre a água, sobre a periferia. Imperturbabilidade, lutando com a versatilidade e a precariedade. A arquitetura como uma medida do fluxo das coisas. Casos limite: o *parterre* da Piazza de São Marco em altura de águas altas. A trama do pavimento “por debaixo” do nível da água e, de novo, “por cima” (anteriormente, as salas e as praças costumavam ser inundadas por ocasiões especiais).



51. Una isla de peatones en el boulevard Haussmann, Gustave Caillebotte

Fig 51. Uma ilha de peões no boulevard Haussmann, Gustave Caillebotte

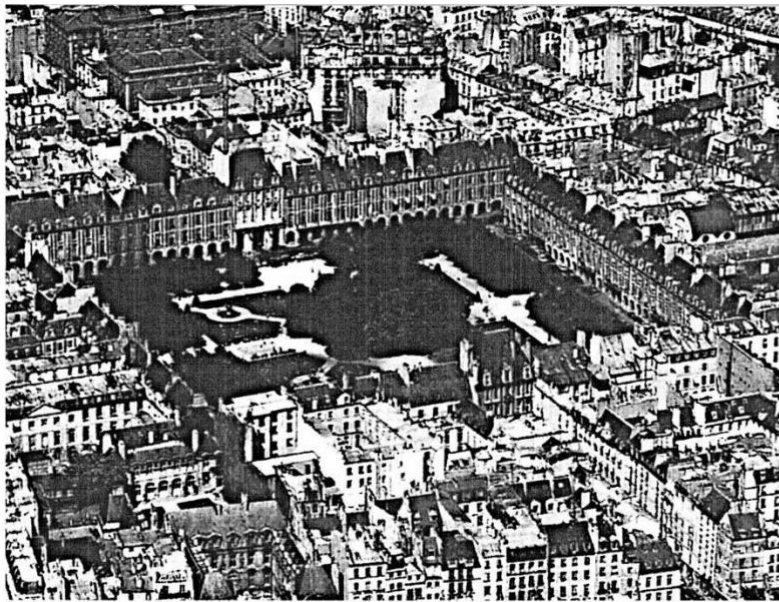
(...) O horizonte é o limite efêmero onde se vislumbra a morte da cidade.

O encanto das praças marginais reside neste iniciar das contradições. São os lugares onde a cidade renuncia a um caráter tranquilizador e aceita, pelo contrário, através do seu lado ausente, o encontro com a mudança, com o inquietante, com o vulgar. Mas são também lugares onde o jogo fica aberto.

A transitoriedade do limite aumenta o número e a complexidade das relações, enquanto que numa praça “interna” estas estão fixadas num conjunto com reduzida possibilidade de transformação.

Pela sua transformação e a sua recente requalificação urbanística, um bom exemplo seria a Praça del Mercatale em Urbino. O redescobrimento e a reativação da rampa helicoidal de Francesco de Giorgio, contida no cilindro do teatro Sanzio, testemunha os incentivos para reinventar as relações, para recolocar o foco do trabalho nos elementos esquecidos, transformando ruínas em “máquinas” de arquitetura, quase através de uma inversão singular dos papéis entre a pré-existência e os novos elementos de projeto (...).

Texto original: Venezia, Francesco. “Piazze marginali” em *Lotus Internacional* Nº 22, Milão, 1979; pág.71 (trad. Autores)



52. Place des Vosges, Paris.
Fotografia de P. R. Cameron, 1981

Fig 52. Place de Vosges, Paris. Fotografia de P. R. Cameron, 1981

A PLACE DES VOSGES. PLACE ROYALE, REBATIZADA PLACE DES VOSGES DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Anthony E. J. Morris

(...) Tal como se terminou em 1612, a *Place Royale* é de grande relevância para a história do urbanismo como protótipo de praça residencial. Em comparação com o método geralmente aceite até então, de que as casas deveriam oferecer a sua frente às ruas abertas ao tráfego e destinar-se a múltiplas funções, a sua forma construída, sem solução de continuidade, foi empregue numa praça residencial para encerrar o espaço do qual se excluía, ou pelo menos se pretendia excluir, o tráfego. Não satisfeito com esta configuração formal revolucionária, o urbanista ao serviço do rei decretou, mesmo assim, que todos os edifícios que se voltavam para a praça deveriam ajustar-se ao mesmo desenho de fachada.

(...) A *place* estava formada por 38 habitações de fachadas uniformemente desenhadas. No centro dos lados norte e sul, e antes que aqui uma rua pudesse irromper, atravessando o lado norte da praça, umas galerias dominantes, de maior altura, integravam as únicas entradas de dupla arcada na praça. O edifício de entrada situado no lado meridional, o *Pavillion du Roi*, estava destinado ao uso pessoal de Henrique IV, mas este morreu em 1610, dois anos antes da conclusão da *place*. Por cima da planta baixa porticada, que permitia que o acesso às habitações se realizasse de forma continua e protegida,

encontravam-se dois pisos superiores, rematados por telhados individuais, de forte pendente, acabados em ardósia e contendo ainda uma fileira de águas-furtadas.

(...) A área central da *place*, entre os edifícios, manteve-se originalmente como um espaço livre coberto de gravilha. Neste caso, o uso tradicional da área como campo de torneios prolongou-se durante alguns anos; as janelas dos pisos superiores serviam então como camarote com vista direta sobre as celebrações. Em 1639, o cardeal Richelieu, que habitou o número 21 durante algum tempo, ofereceu uma estátua equestre de Luiz XIII para que fosse colocada no centro da praça e, por esta razão, o caráter da praça desenvolvida em torno de uma estátua, acabou por se sobrepor à função residencial.

Com a integração de uma paisagem formalizada no espaço central, baseada em áreas cobertas de relva e dotada de árvores simetricamente dispostas, protegidas como cercas, o caráter da *place* sofreu uma nova modificação e a estátua central perdeu a sua função primitiva dominante (...).

Morris, Anthony E. J. *Historia de la forma urbana*. Gustavo Gili, Barcelona, 1984; pág. 221

AS SQUARES LONDRINAS

Paolo Sica

O elemento preferencial, reiterado na expansão e nas transformações do West End é a *square*. As *squares*, praças regulares, geralmente quadradas ou retangulares, mas não submetidas a efeitos preordenados da arquitetura, são os episódios urbanísticos que caracterizam o parcelamento privado dos *states*, e é através delas que se incrementa a expansão da cidade, conferindo-se a estas áreas o caráter de centro e a identidade de bairro.

53. *Metropolitan improvements*
James Elmes



Fig 53. Metropolitan Improvements, James Elmes

No centro da *square* situa-se um jardim, não dividido ou fracionado, mas, pelo contrário, tratado como um pequeno tramo de parque que é deixado em condições naturais, por vezes de forma quadrada ou, alternativamente - sendo esta situação mais frequente – assumindo a forma circular ou ovalada. As ruas convergem na *square* bastante próximas dos seus ângulos e a eliminação da visão axial – ou em todo o caso, o facto de rua axial ter sempre o verde como pano de fundo - exclui qualquer remate visual do tipo áulico.

Algumas das *squares* (e, generalizadamente, os *States*) não conseguem alcançar o objetivo de uma arquitetura unitária, desejado pelos seus promotores, o que indica a existência de uma rutura, agora quase intransponível, entre arquitetura e plano urbano nas condições ideais do mercado.

(...) Regra geral, faltam edifícios dominantes, seja pela sua dimensão, seja pela qualidade da sua arquitetura.

(...) Evidentemente, as características fundamentais de conforto, a unidade espacial e tecnológica do edifício, alcançaram um ponto de estabilidade, um resultado acabado, capaz de resistir durante muitos decénios (...)."

Sica, Paolo. *Historia del urbanismo – El siglo XVIII*. Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1981; pág. 82

sala de espectáculos da América e o Rainbow Room, elevando-se acima do RCA Building, é a representação da elegância e da classe.

Tudo isto podia prever-se, já em 1928, quando John D. Rockefeller Jr. arrendou três quarteirões em Middle Manhattan (da 5ª à 6ª avenida, da rua 48 à 51) à Universidade de Columbia. A Metropolitan Opera estava interessada em mudar-se da Broadway - e da rua 39 - para um local mais digno; Rockefeller sonhava construir uma nova ópera e um espaço público como peças centrais de prestígio no âmbito de uma promoção comercial. Parecia uma boa ideia naquele momento. O arquiteto Raymond Hood descreveu como as coisas eram feitas naquele período de opulência e extravagância: “Havia muito dinheiro por todo o lado e gastava-se livremente ... em edifícios, casas privadas, esposas, crianças, barcos ... A propósito do exterior de um edifício recordámos ao dono de obra quais eram as suas obrigações cívicas e dissemos-lhe que tinha que cumprir - as suas expensas, evidentemente - o seu dever relativamente à silhueta de Nova Iorque (...)”.

Texto original: Webb, Michael. *The City Square*. Thames and Hudson, Londres, 1990; pág. 173 (trad. autores)

56. Plaza de los Tres Poderes, Brasília, Brasil.
Oscar Niemeyer, arquitecto, 1958

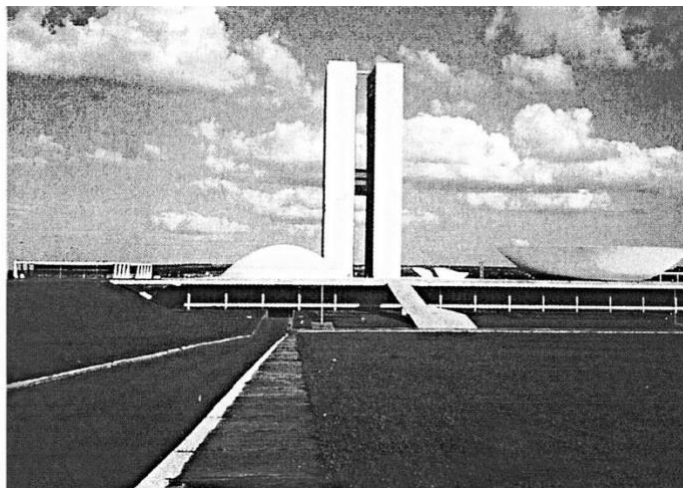


Fig 56. Praça dos Três Poderes, Brasília, Brasil. Oscar Niemeyer, arquitecto, 1958

O CASO DE BRASÍLIA

G. Luigi

“(…) Os edifícios da Praça dos Três Poderes e os ministérios próximos constituem o conjunto arquitetônico mais famoso de Niemeyer em Brasília. O Palácio de Congressos é a base do conjunto. Construído ao longo e a toda a largura do eixo monumental, constitui a ligação entre esta via triunfal este-oeste e a Praça dos Três Poderes, que remata a oeste.

(…) Com base em configurações assimétricas, herdadas das concessões mais radicais do movimento moderno, surge uma simetria latente, reminiscência das grandes composições urbanas clássicas ou barrocas.

(…) Vista de fora, a força desta composição reside na simplicidade das formas utilizadas, na sutileza das relações, dimensões e intervalos. A cúpula do Senado, mais pequena e geralmente privada de sombra, está mais próxima das torres do que a cúpula do Parlamento, muito saliente e sombreada, mais dinâmica e autónoma, pelo menos quando faz sol, porque quando o tempo está nublado é a brancura da pequena cúpula que ressalta. A silhueta das torres gémeas permanece sempre cortada por um traço de sombra devido ao duplo bisel das duas faces internas. E o espaço intersticial, criando uma tensão, devido à sua esbelteza, aproxima mais as torres do que as separa. Finalmente, do alto das torres, seguindo duas oblíquas distintas, uma pirâmide virtual engloba os quatro volumes, enquadrando e estabilizando os ritmos dinâmicos inscritos nas curvas e nas verticais (…)”.

Texto original: Luigi, G. Oscar Niemeyer, *une esthétique de la fluidité*. Parenthèses. Marselha, 1997; pág. 106 (trad. autores)

PLATEAU BEAUBOURG EM PARIS (1971-1977)

Paolo Favole

“(…) Colocado estrategicamente no coração do centro histórico parisiense, a menos de um de 1 km da catedral de Notre Dame, o Plateau Beaubourg goza de uma popularidade - pelo menos desde a conclusão do centro cultural George Pompidou de Renzo Piano e Richard Rogers - que não tem comparação na capital francesa.

Se bem que à primeira vista possa parecer formalmente pobre, sobretudo se confrontado com a forte carga figurativa do macro engenho arquitectónico que a sua frente apresenta, não se pode negar que, de todos os espaços públicos parisienses, é o que de forma mais desenvolta acolhe e promove os ritos públicos e sociais que tradicionalmente se representam numa praça.

A definição do espaço exterior está resolvida com poucos e elementares ingredientes: um adro como uma ligeira pendente que parece acompanhar a multidão de transeuntes em direção às vorazes bocas da grande máquina de cultura, um corte no adro onde nasce uma segunda pendente que, com sentido inverso, dá acesso os espaços localizados na cave e um pavimento de granito embutido na grelha de faixas cruzadas, constituída por pedra branca e azul. E ao fundo - para além dos três pares de escotilhas (que funcionalmente permitem a entrada de ar para as caves) que utilizam uma linguagem ostensivamente tecnológica do Centro Pompidou – observamos um muro contínuo, formado pelos alçados perfeitamente alinhados da construção residencial parisiense.

57. Plateau Beaubourg, Paris, 1971-1977



Fig 57. Plateau Beaubourg, Paris, 1971-1977

(...) Além das diversas possibilidades de configuração formal, a esplanada frente ao centro cultural permaneceu sempre fiel ao propósito inicial: ser um espaço flexível e aberto ao serviço da comunicação. Ou então, para utilizar uma expressão de Renzo Piano, um Hyde Park Corner parisiense.

(...) “Uma praça é o que ocorre na praça”, referiu-se a propósito da realização de Gio Ponti em Eindhoven. Esta frase parece mais acertada que nunca, se aplicada ao Plateau Beaubourg (...).”

Favole, Paolo. *La plaza en la arquitectura contemporánea*. Gustavo Gili, Barcelona, 1995; pág. 165.

PRAÇAS DE BARCELONA

Oriol Bohigas

“(...) A praça medieval por excelência é a magnífica Plaza del Rei, onde, todavia, se encontra o tom do século XIII, ainda que a maioria dos edifícios que a enquadram sejam posteriores. É a única praça medieval que tem um cariz representativo coerente, seguramente como consequência do prestígio do antigo Palácio Real e de ter mantido, durante muito tempo, as cerimónias dos conselheiros e jurados da cidade. Durante muitos anos a praça do Rei - berço da República Barcelonesa, como a designou Agusti Duran Sanpere - foi o coração representativo da cidade, o símbolo das suas liberdades.

Para voltar a encontrar praças com uma forma total, desenhada, com arquitetura definida, é necessário remontar aos inícios do século XIX, quando o novo espírito neoclássico aproveita as destruições geralmente produzidas pela ocupação e as demolições das construções religiosas, e implanta uma forma geométrica uniforme, muitas vezes alheia à estrutura medieval do tecido urbano envolvente: a praça Real, a praça Sant Josep, a praça da Sant Jaume e, em menor grau, a praça del Mercadal, em Sant Andreu ou a de Sant Miquel del Port, na Barceloneta, que corresponde integralmente ao século XVIII. Um caso especial é o Pla de Palau, porque responde a um momento urbanizador de maior envergadura, com a intenção de promover a deslocação do centro ativo e representativo.

A praça Reial, obra de Francesc Daniel Molina, vencedor de um concurso de 1848, foi consequência da ocupação do convento dos Capuchinhos em 1836, tendo sido traçada como um conjunto de fachadas indiferente ao sistema urbano gótico. O público interpretou-a como uma consequência do Palais Royale de Paris, ainda que o parentesco estilístico e dimensional não seja nada claro. É-o, ao invés, o parentesco tipológico: um espaço encerrado onde a linha de pórticos tenta refazer as qualidades da rua enquanto itinerário.

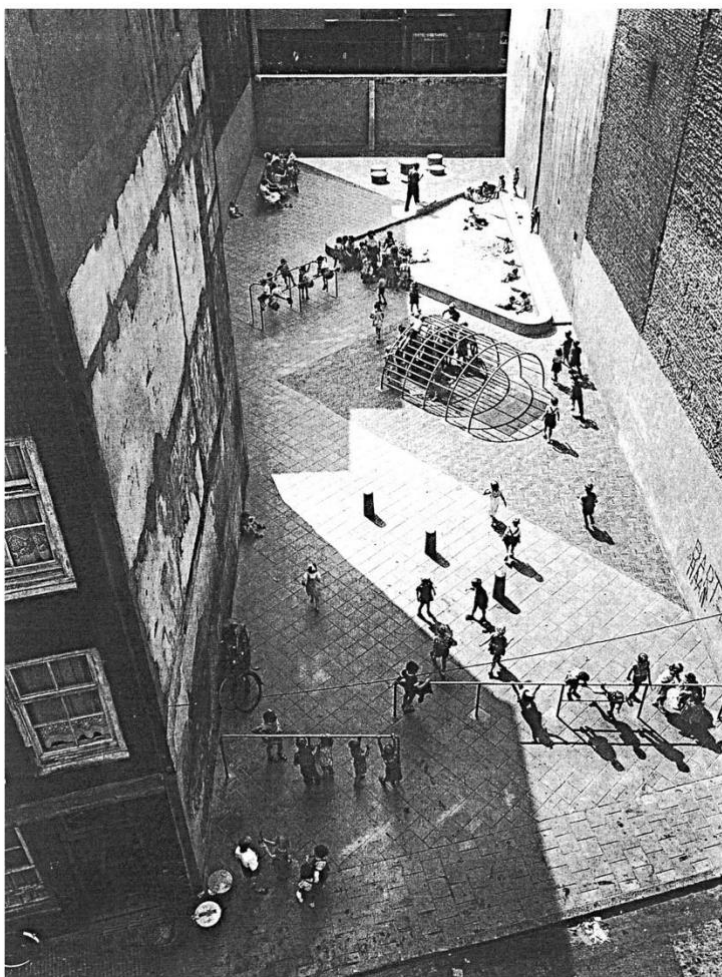
(...) A praça de Sant Jaume é o resultado da remodelação neoclássica de Barcelona, levada a cabo durante a época do mestre Josep Mas, na primeira metade do século XIX; esta remodelação exasperou os historiadores e os escritores românticos, porque implicou o derrube de muitos edifícios e estruturas urbanas góticas. A operação fundamental foi a construção da nova fachada do Município, girando o eixo compositivo do edifício e voltando-o ao Palau de la Generalitat. A praça foi duramente criticada por duas fações estéticas da cidade: pelos que se queixavam do derrube da igreja gótica de Sant Jaume, das salas do Trentenari e da mutilação do pátio e da antiga fachada e pelos que exigiam maior radicalidade neoclássica e, portanto, acusavam-na de falta de correspondência dos eixos de composição dos dois portais.

(...) Até aqui falei das praças com definição e composição arquitectónica. Mas a maior parte das praças barcelonesas correspondem a outro tipo: são cruzamentos de ruas, paragens circunstanciais de diversos itinerários, produtos da transformação urbana e feitas com sedimentos formais sucessivos.

(...) Se acrescentarmos os vazios quase casuais das redes urbanas dos bairros da Gràcia, Sants ou Sant Andreu, os cruzamentos irregulares dos velhos caminhos, ou os que resultam da penetração dos novos traçados em tramas antigas, teremos um panorama do tipo de praça característica de Barcelona.

(...) Também há o tema das novas praças nos bairros desurbanizados. Não é necessário repetir que as praças dos bairros periféricos devem ter como propósito definir o caráter urbano que esses setores nunca tiveram (...)."

Bohigas, Oriol. *La reconstrucción de Barcelona*. Edicions 62, Barcelona, 1985; pág. 123.



58. Kinderspeelplaats, espacios de juegos para niños en Amsterdam. Aldo Van Eyck, 1947-1974

Fig 58. Kinderspeelplaats, espaços de jogos para crianças em Amesterdão. Aldo Van Eyck, 1947-1974

OS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS EM BARCELONA

Peter Rowe

“(…) Completados entre 1981 e 1987, os projetos de espaço público de Barcelona representam um extenso e impressionante corpo de trabalhos públicos, a escalas muito distintas, disseminadas por uma cidade com cerca de 1.7 milhões de habitantes.

(…) Os projetos foram levados a cabo em cada um dos dez bairros de Barcelona: Ciutat Vella, Eixample, Sants, Montjuic, Les Corts, Sarrià, Sant Gervasi, Gràcia, Horta-Guinardó, Nou Barris, Sant Andreu e Sant Martí. Este haveria de ser um programa para a cidade inteira, mas que operaria de um modo descentralizado, adequando-se às necessidades

dos cenários e grupos geográficos particulares, independentemente das suas circunstâncias socioeconómicas e físicas.

(...) Quando Barcelona começou a focalizar a sua atenção na organização dos Jogos Olímpicos de 1992 mais de 100 projetos de espaço público tinham sido completados, tendo-se iniciado com praças de pequena escala e finalizado com requalificações extensivas no Moll de la Fusta, ou ao longo da frente marítima de Barcelona. Atualmente, o número de projetos completados supera os 140, dirigidos pelos diferentes bairros, seguindo o exemplo do programa de trabalhos públicos inicial.

(...) Três tipos de projetos de espaço público - praças, parques e ruas - foram finalizados ao abrigo do programa inicial. Alguns, como a praça Reial e o parque Guell eram renovações ou restauros de lugares urbanos existentes, enquanto a maioria dos demais, como a praça dos Països Catalans e o Parc de L'Éspanya Industrial, constituíam obras novas, de melhorias da cidade. Algumas praças, como a praça de la Mercè, na Ciutat Vella ou a parte mais antiga da cidade, como também aquelas situadas no bairro da Gràcia, eram relativamente pequenas, discretas e de superfícies duras. Outras, como a praça dos Països Catalans ou a praça de Sants, eram muito mais extensas e com limites urbanos dinâmicos fortemente condicionadores, ainda que igualmente duras. Parques de bairro, como o parque del Clot ou a praça de la Palmera, contém diversas actividades de recreio, assim como obras de arte públicas.

(...) Todo o programa de espaço urbano - uma ideia intelectual partilhada de Barcelona - foi norteador pela forte convicção de que a cidade era, em grande medida, algo tangível, objetivo e capaz de renovar-se (...)."

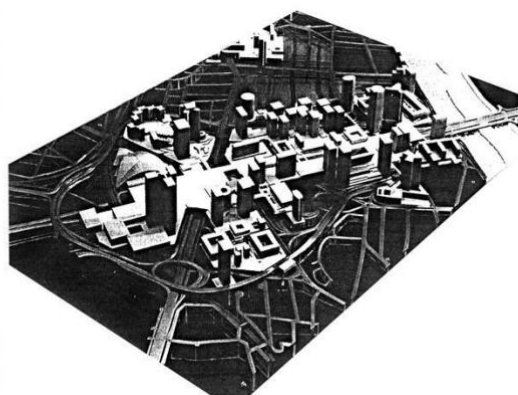
Texto original: Rowe, Peter. *Civic Realism*, MIT Press, Cambridge, 1997 (trad. autores)

ESPAÇOS PÚBLICOS E ESPAÇOS COLETIVOS

Manuel de Solà-Morales

"(...) A importância do espaço público não está seguramente, em ser mais ou menos extenso, quantitativamente dominante ou protagonista simbólico, mas em conseguir relacionar entre si os espaços privados, fazendo deles património coletivo: dar carácter urbano, público, aos edifícios e lugares que sem ele seriam só privados, urbanizar o privado é o conceito: quer dizer, absorvê-lo na esfera do público.

“(…) O espaço coletivo é muito mais e muito menos do que o espaço público, se limitarmos este último à questão da propriedade administrativa. A riqueza civil, arquitetónica, urbanística e morfológica de uma cidade é a dos seus espaços coletivos, a de todos os lugares onde se desenrola, se representa e se recorda a vida quotidiana. E estes são talvez, cada vez mais, os espaços que não são públicos nem privados, mas os dois simultaneamente. Espaços públicos absorvidos por usos particulares e espaços privados que assumem funções coletivas. Um grande armazém da praça da Catalunha é um lugar privado ou público? evidentemente é privado no que diz respeito à exploração económica, mas não tanto no que diz respeito ao uso e significado que lhe é conferido por parte dos cidadãos. Não será por acaso que se está há cinco anos a discutir a sua nova fachada.



59. La Défense, París. Maqueta del proyecto

Fig 59. La Défense, Paris. Maqueta do projeto

(…) Muitos outros lugares em Barcelona podem ser exemplos de espaços mistos de importância coletiva. O mercado da Boqueria é talvez o exemplo mais notável: um lugar onde a propriedade e a gestão pública se combinam perfeitamente com a iniciativa e as atividades particulares dos cidadãos. Mas também um bar da esquina, a escola dos filhos, o quiosque de jornais, ou a estação de metro são um tecido de direitos e obrigações que, como espaços públicos, mas também coletivos, configuram os itinerários principais da vida dos cidadãos. Entre estes, também os espaços propriamente públicos têm um papel importante, embora parcial, e talvez cada vez menos necessário.

(…) A boa cidade é aquela consegue dar valor público ao privado. E, portanto, a qualidade do individual é condição para que, ao ser semanticamente coletivizado, acabe por se tornar rica para o coletivo (...).”

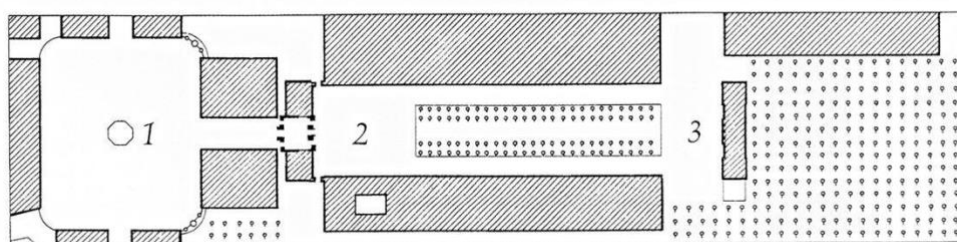
Solà-Morales, Manuel. “Espacios públicos y espacios colectivos” em *La Vanguardia* (12 de Maio de 1992).

EVOLUÇÃO. CONSTITUIÇÃO DOS TIPOS DE PRAÇAS

Pierre Lavedan

“(...) A história ensina-nos que uma praça se forma de maneira espontânea no ponto de contato entre dois elementos urbanos de origem distinta, ou no ponto de contato entre a cidade e a sua periferia. Alguns urbanistas recordaram-no.

O tipo praça de contato é a praça porta.



60. Las tres plazas en Nancy: 1. Place Royale, 2. Place de la Carriere, 3. Hemicycle. Emanuel Heré de Corny, 1760

Fig 60. As três praças em Nancy: 1. Place Royale, 2. Place de la Carriere, 3. Hemicycle. Emanuel Heré de Corny, 1760

A bíblia menciona algumas destas praças na entrada das cidades; assumem um papel importante no Oriente antigo. A série segue, atualmente, com praças como as da porta de Saint Cloud, a porta Dauphine ou a porta de Auteuil, só para citar alguns exemplos parisienses. Uma origem similar tem as praças *cabeças de ponte*.

(...) O Primeiro fórum romano era um elo de ligação entre os grupos Latino e Sabino do Palatino e do Capitólio. Em Toulouse, a praça do Capitole une o burgo de Saint Germain com a cidade. Em Nancy, Stanislas Leczinsky ligou, através da praça que conserva o seu nome, a cidade antiga do século XIV e aquela que construiu Carlos III. Em Kassel, a Friedrichsplatz - uma das mais amplas da Europa, de forma retangular com 340 m por 160 m, ou seja 55 hectares, foi criada por Frederico II (1760-1785) para unir a Altstadt com a Oberneuestadt.

A praça de contato costuma situar-se fora do aglomerado urbano. Gregos e romanos chegam rapidamente à constituição do ágora e do fórum, que são praças encerradas, não atravessadas pelos fluxos de circulação. Mas no período medieval, quando se formam as

nossas cidades, tudo começa de novo e demorámos a aceitar, muitas vezes por falta de espaço, a ideia de praça pública. Na rua cabem todas as manifestações. Praças como a do mercado ou da igreja, que hoje nos parecem momentos imprescindíveis na cidade, são relativamente recentes.

Quando estabelecemos uma praça deve servir para todos os usos. Depois a especialização há de se produzir (...)."

Texto original: Lavedan, Pierre. *Geographie des villes*. Gallimard, Paris, 1936: pág. 95 (trad. Autores)

A PRAÇA

Romaldo Giurgola

"(...) Na universidade materializaram-se as aspirações, no mercado, na vida comercial as necessidades. Entre os dois está o fórum, onde se expressam as aspirações e as necessidades.

(...) Muitas vezes imagino o carácter dos edifícios para a festa do bicentenário. Imagino um lugar intermédio entre o mercado e a universidade.

(...) Os homens ocupam-se a ganhar dinheiro, qualquer que seja a sua profissão. Porém, na praça confrontam-se com as aspirações de outros homens e encontram as características comuns ao género humano.

O homem toma consciência de que forma parte de um conjunto, e que, apenas conseguirá o que quer se as suas aspirações coincidem com as dos seus semelhantes. Necessita de um lugar para que isto suceda e onde se possa sentir representado, como por exemplo por um governo que tenha sido eleito pelos seus semelhantes. Esta última ideia é uma das minhas grandes preocupações.

Creio que a praça perdeu o seu carácter representativo. E ainda que tudo evolua, apesar de eu mesmo pensar em novas instituições para o homem, não posso fazer mais do que imaginar um novo lugar que nos represente. Desta maneira, regresso ao conceito praça, mas com um sentido distinto. Não se trata, apenas, de um espaço verde numa cidade, mas é um lugar onde reina a ordem e a harmonia entre os homens. Quando os homens se entendem, unificam-se as suas aspirações e as suas necessidades.

Giurgola, Romaldo. *Louis Khan*. Gustavo Gili, 1996; pág. 96



61. Salk Institute for Biological Studies, La Jolla, California. Louis I. Kahn, 1959-1965

Fig 61. Salk Institute for Biological Studies, La Jolla, California. Louis Kahn, 1959-1965

BREVE ESBOÇO DO CORAÇÃO

EXTRATO DAS CONCLUSÕES DO VIII CONGRESSO DO CIAM

Sumário das características necessárias do Coração

1. Em cada cidade deve haver apenas um Coração principal.
2. O Coração é um artifício, uma obra do Homem.
3. O Coração deve ser um lugar livre de tráfego, onde o peão possa mover-se livremente.
4. Os veículos devem chegar à periferia do Coração e ali estacionar, mas não atravessá-lo.
5. a publicidade comercial não controlada – tal como hoje se mostra nos corações - deve ser controlada e organizada.
6. Os elementos variáveis (móveis) podem representar uma importante contribuição para a animação do Coração, e o arranjo arquitetónico deve ser projetado de forma a permitir a inclusão de tais elementos.
7. Ao projetar o Coração, o arquiteto deve empregar os meios de expressão modernos e, sempre que seja possível, deve trabalhar em colaboração com pintores e escultores.

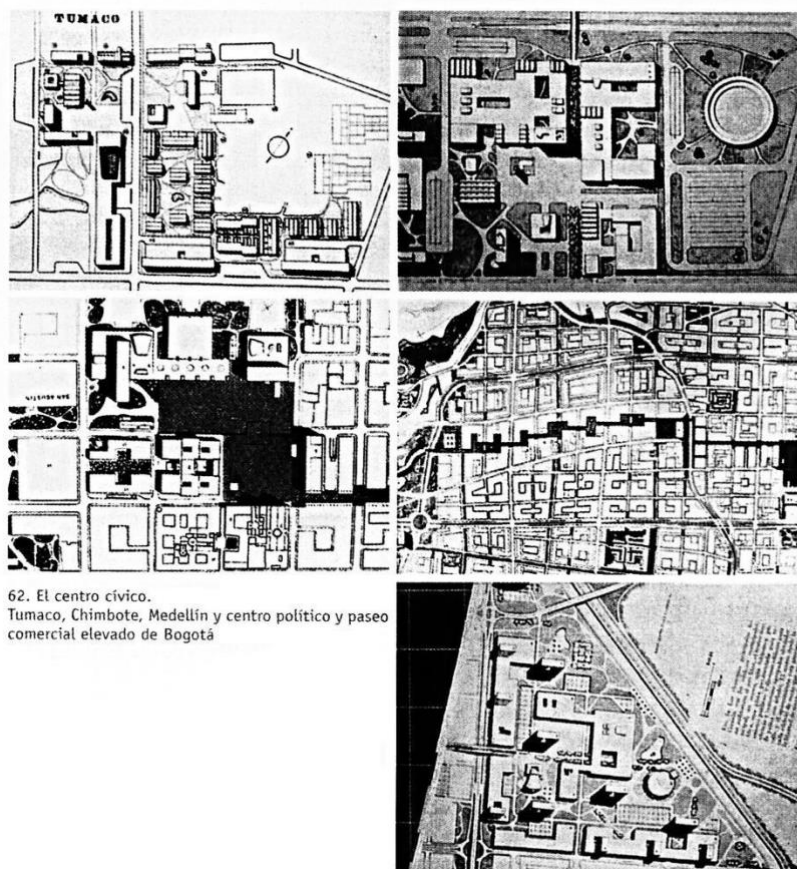
A hierarquia dos Corações urbanos

O Coração é a expressão de fatores gerais da natureza humana e da vida orgânica, que variam de acordo com as características particulares de uma determinada cultura ou localidade.

A proporção numérica da comunidade e as dimensões da cidade, juntamente com o ambiente urbano do seu centro, conferem medidas e valores totalmente diferentes ao Coração e às suas funções.

Os seus elementos físicos diferem, tanto em qualidade como em quantidade, segundo se trate de uma aldeia ou de uma metrópole; mas uma medida permanece constante – a medida humana - e o Coração da cidade mais extensa tem sempre algo em comum com o seu precedente rural: a sua qualidade nodal e a sua capacidade de refletir, através de uma determinada combinação de espaços e estruturas, os ecos da história”.

Rogers, E. N.; Sert, Josep Lluís e Jacqueline Tyrwitt. *El Corazón de la ciudad: por una vida más humana de la comunidad*. Hoepli, Barcelona, 1955; pág. 164



62. El centro cívico.
Tumaco, Chimbote, Medellín y centro político y paseo comercial elevado de Bogotá

Fig 62. O centro cívico. Tumaco, Chimbote, Medellín e centro político e passeio comercial elevado de Bogotá

O CORAÇÃO: PROBLEMA HUMANO DAS CIDADES

E. N. Rogers

“(...) Nunca talvez como agora os corações das cidades estiveram tão abandonados, ainda que nunca tenham sido tão necessários como hoje. De facto, quanto mais desenvolvemos o sentido do lar e a possibilidade de satisfazer, dentro dele, grande parte das nossas necessidades, tanto práticas como intelectuais (e agora o lar integrou a televisão) mais indispensável se torna que encontremos um modo de salvar os homens do isolamento, que ameaça favorecer a preguiça, o egoísmo e a indiferença social.

Cometeu-se frequentemente o erro de destruir velhos centros, ricos em tensão espiritual, como forma de resolver problemas banais de tráfego; porque a intensidade do tráfego confundiu-se com a intensidade da vida. Mas, mesmo os mais animados cruzamentos de ruas nunca serão o coração de uma comunidade, mas serão precisamente o seu contrário. Ninguém pode negar a importância dos meios de transporte. Tais meios são elementos essenciais da vida contemporânea, mas desde logo não são mais do que meros meios para alcançar alguns dos fins da existência.

O coração não pode ser o centro comercial, como ocorre nas organizações capitalistas, nem tão-pouco a fábrica, símbolo da sociedade proletária.

O coração da cidade deve ser o centro das relações humanas no seu sentido mais intenso: para a conversa, para a discussão, para o “shopping”, para o “piropo”, para o “flanêur”, e para aquele impagável *dolce fare niente* que, no seu melhor significado, é a expressão mais natural da contemplação e do ócio, para a aprazível satisfação do corpo e do espírito (...).

Rogers, E. N. “El Corazón: problema humano de las ciudades” em Rogers, E. N.; Sert, Josep Lluís e Jacqueline Tyrwitt. *El Corazón de la ciudad: por una vida más humana de la comunidad*. Hoepli, Barcelona, 1955; pág. 73

RELAÇÕES ENTRE HOMENS E COISAS

Jacob B. Bakema

“(…) Pergunto-me em que momento podemos realmente falar do coração, desse núcleo que podemos projetar a partir da arquitetura e da urbanística.

Talvez seja esta a resposta: há momentos na nossa vida em que desaparece a separação entre homem e coisas; nesse momento descobrimos a maravilha da relação entre homens e coisas.

É esse o momento do coração: o momento em que nos damos conta da plenitude da vida que nasce de uma ação conjunta.

Os avanços da ciência permitiram-nos perceber que as coisas que vemos na natureza e na arte não são a realidade tal como as vemos.

Cada dia descobrimos que o único que existe são as relações e, talvez possa, inclusivamente, dizer-se que a finalidade da vida consiste em tomarmos consciência dos princípios fundamentais de uma vida completa de relações.

No meu entender esta é a razão pela qual, no desenvolvimento das concepções espaciais em arquitetura e urbanística, falemos, tão frequentemente, de continuidade no espaço.

(…) Esperamos ter realizado a nossa obra de forma que, quem aí vier a viver, não experimente sensação de isolamento e que através da sua própria atividade possa chegar a descobrir a maravilha de um novo valor: o valor de uma nova relação humana característica do mundo em que hoje vivemos, no qual, por exemplo, os nossos amigos japoneses podem estar entre nós, apenas a dois dias de distância dos seus lares (…).”

Bakema, Jacob. “Relaciones entre hombres y cosas”, em Rogers, E. N.; Sert, Josep Lluís e Jacqueline Tyrwitt. *El corazón de la ciudad: por una vida más humana de la comunidad*. Hoepli, Barcelona, 1955; pág. 67